

Ana dos Santos. *Maiúscula*. Porto Alegre: Libretos, 2024. 104 p.

*e em mim,
Colocaram
a máscara de ferro
porque tinha fome
de comida
e de verbo.¹*

Ana Dos Santos, professora de literatura, doutoranda em Letras, relacionada no catálogo *Intelectuais Negras Visíveis* (Malê, 2017), representa bem o que Nilma Lino Gomes aponta em seu texto, *Intelectuais Negros e Produção do Conhecimento: algumas reflexões sobre a realidade brasileira* (Almedina, 2009). A produção poética e acadêmica de Ana Dos Santos é marcada por saberes diversos e por uma enunciação produzida e produtora de subjetividades carregadas de uma pluralidade de vozes, ambos aspectos apontados por Gomes. E essas características estão presentes também neste novo livro, o quarto de sua trajetória poética.

Em suas obras, Ana Dos Santos deixa evidente um cuidadoso projeto estético e político, que se estende inclusive à opção em ser conhecida como poetisa, e não poeta, como é o uso mais frequente. Ao contrário da maioria das mulheres contemporâneas que escrevem poemas, Ana Dos Santos faz questão de ressignificar a palavra poetisa como própria para definir o lugar feminino da poesia escrita por mulheres, e não um lugar menor em comparação com a autoria masculina. Para a autora, poetisa demarca o recorte de gênero no fazer poético a partir de um lugar de valor. Poetisa adquire assim uma característica singular feminina. E por que não dizer, maiúscula.

Em *Maiúscula* esse compromisso estético assume o auge, e de um modo primoroso. Ana Dos Santos é uma poetisa de seu tempo e, com vasto conhecimento literário e cultural, elege uma voz poética feminina para trans-formar versos bem

¹ Poema “Conheces o nome que te deram”, Ana Dos Santos. *Maiúscula*, Libretos, 2024.

conhecidos no cenário literário e tirá-los de seu lugar universal -- o efeito é a criação de linguagem e de um espaço ético no qual estética e política se encontram.

Mundo mundo vasto mundo
mais vasto é o meu coração,
mundo mundo vasto mundo.
Se eu me chamasse Raimunda
Seria uma sina,
não seria uma solução.²

A estética vem contribuir com uma outra forma de compreensão das novas exigências éticas face à diversidade, para além dos limites de uma racionalidade que manteve em segundo plano o olhar feminino.

Maiúscula é dividido em três partes. Na primeira, é quase onipresente a figura daquela que dá título ao livro:

A Maiúscula disse
Acho melhor você morrer outro dia
Eu senti fome³

Nesta primeira parte, *Maiúscula* é uma presença poética que sustenta o desejo pela palavra com o olhar. Percorrer os versos animados pela *Maiúscula* é estar em suspenso, num certo incômodo produzido pelo movimento de um imperativo: viva! Sem mapas, sem receitas. Apenas a confiança de *Maiúscula* garante que isso é possível. Não há como não pensar nas mães negras, lutando pela subsistência e pela existência própria e de seus filhos. E que precisam ensinar um pouco de dureza também, por saberem que é necessário aprender a resistir.

Não há tempo hábil
para a poesia⁴

E assim, em versos, vai se desenhando a aspereza do dia a dia. Mesmo sem tempo, há versos, mesmo quando o café é preparado com o sal das lágrimas, ou em meio às dores e alegrias do vaivém dos amores, tudo isso vivido nas contradições de um espaço urbano onde é necessário – palavras da poetisa – persistir, insistir e ser.

É ainda nesta primeira parte que a poetisa apresenta um de seus mais belos poemas, “Maria”, e que melhor traduz o modo trans-formador de seu fazer poético. A transmutação do José, de Drummond, em Maria:

² “Poema Das Setes Encruzilhadas”, Ana Dos Santos. *Maiúscula*, Libretos, 2024.

³ Poema “A Maiúscula disse”, Ana Dos Santos. Libretos, 2024.

⁴ Poema “Não há tempo hábil”, Ana Dos Santos. Libretos, 2024.

E agora, Maria?
As festas em família acabaram
os almoços de domingo rarearam
acabou o Natal
Acabou o Ano-Novo
Todos enlutaram
E agora, Maria?

Não se trata de uma releitura, nem de simples substituição do gênero. Trata-se de uma ocupação do cânone pela perspectiva feminina, fazendo surgir outros elementos. Assim, o cânone se relativiza e não é mais o mesmo.

Na segunda parte do livro os poemas são enlaçados com os elementos afro-diaspóricos. Já na abertura, uma referência polissêmica: “Pérola Negra”.

Uma das características mais interessantes da arte poética de Ana Dos Santos é a habilidade em fazer de referências culturais amplamente conhecidas matéria prima de seus poemas. Vamos lendo os versos, nossa memória acredita que sabemos onde eles vão desaguar, mas a poetisa quebra essa expectativa, pois, tal qual Carolina de Jesus, Ana Dos Santos é uma catadora, recolhe restos de palavras, de músicas, de versos e assim constrói poemas que inserem a diversidade de vozes poéticas e instauram outra semântica.

Carolina de Jesus
de uma queda foi ao chão
Acudiram três cavalheiros
e para dois ela disse não!
O primeiro, embusteiro
o segundo, cachaceiro
o terceiro, foi seu livro
o fiel e companheiro.⁵

Nesta segunda parte encontramos nos versos da poetisa figuras caras à comunidade negra. O diálogo com Lélia Gonzáles, Grada Kilomba, Paul Gilroy, com elementos de terreiro e da cultura contemporânea negra, são evidentes. Ainda assim, Ana Dos Santos não abandona o seu projeto político ético-estético de fazer encruzas:

Quando nasci, um anjo mensageiro
com axé de fala
disse: Vai, Ana, ser poetisa na vida.⁶

Nesta encruza, passado, presente e futuro se encontram, em um mar várias vezes evocado, depositário de corpos, de vida, ligado com a ancestralidade. É o mar da diáspora

⁵ Poema “Carolina de Jesus”, Ana Dos Santos. Libretos, 2024.

⁶ “Poema das sete encruzilhadas”, Ana Dos Santos. Libretos, 2024.

e da atual travessia desesperada de imigrantes. É o mar que faz surgir em versos o pretuguês de Lélia Gonzalez. E por falar em Lélia, cabe observar o modo com a poetisa grafa o próprio nome. A escrita maiúscula da preposição Dos parece querer nos fazer lembrar que Santos não pode ser lido como herança portuguesa, é preciso a chave do pretuguês para entender o real significado de seu nome.

Nesta segunda parte há um poema ao qual não posso deixar de me referir. “Eu não esquecerei” é uma das grandes criações poéticas da autora. Um poema que conjuga passado, presente e futuro; dor e esperança; morte e vida. E, sobretudo, memória. O poema fala da travessia do Atlântico, e sua construção e ritmo é pleno de movimento como se o poema em si fosse também uma travessia. E é. Tive oportunidade de observar por várias vezes a recepção a esses versos e posso dizer, não se sai ileso, é uma experiência.

eu estava
em frente
à árvore do esquecimento.
Eu circulei a árvore,
de costas,
e fui lembrando
que eu era feliz
e eu sabia!

Gênero e raça se conjugam no corpo, elemento constante na poética de Ana Dos Santos, mas é na terceira parte, Afro Disíacas, que o corpo da mulher alcança toda a força de representação, ao assumir-se como um corpo de desejos, um corpo que encontra palavras para um erotismo feminino.

Faço amor
comigo mesma
e sexo
com as palavras.⁷

A poetisa se entende também como autora de poemas eróticos. E essa é uma outra opção política – ao explorar um universo admitido apenas aos homens – e também estética, na medida em que dá voz e visibilidade ao desejo e ao corpo das mulheres a partir de uma voz feminina. Isso é evidente no poema “Amazona”.

Cavalgar
no teu
centauro
Égua
indomada

⁷ Poema “Faço amor”, Ana Dos Santos. Libretos, 2024.

E você tenta,
em vão,
se agarrar
nas minhas
crinas
E quando vê,
já está dominado
pela amazona.

A música é um elemento que permeia toda a obra, faz parte do que a poetisa recolhe da cultura para tecer outra malha simbólica. E, por outro lado, aponta também para um fazer poético atual, rico em referências e consciente do efeito que persegue. No poema “Proibidão” percebe-se a busca pela inscrição da cultura periférica no nobre espaço da poesia, ocupando, em sua construção, elementos culturais caros a uma perspectiva intelectual eurocêntrica.

A história se repete,
a primeira vez como tragédia
e a segunda como farsa,
teorizou o velho barbudo.
A censura,
como uma cobra
que morde o próprio rabo,
está querendo
morder o meu.

Ou mais adiante, ainda no poema “Proibidão”:

Não se escreve impunemente
quando se é uma mulher negra.
Tapem os ouvidos das crianças!
Ela diz obscenidades!
O escritor comunista afirmou:
Não é a pornografia que é obscena,
é a fome que é obscena.

Em *Maiúscula*, vemos versos de fome de palavra e de vida, não há como amordaçar a poetisa, e é preciso estar preparado, pois ela promete prazer e incômodo.

[...] cometi
O pecado
De escrever
Poemas.

Taiasmin Ohnmacht

Psicanalista e escritora